

Manuel Bandeira [1886 – 1968]



Grupo de Estudos em
ESCRITA
CRIATIVA



Manuel Bandeira [1886 – 1968]



Grupo de Estudos em

ESCRITA
CRIATIVA

1º momento: heranças parnasianas e simbolistas — *A cinza das horas* [1917] e *Carnaval* [1919]

Epígrafe

Sou bem-nascido. Menino,
Fui, como os demais, feliz.
Depois, veio o mau destino
E fez de mim o que quis.

Veio o mau gênio da vida,
Rompeu em meu coração,
Levou tudo de vencida,
Rugia e como um furacão,
Turbou, partiu, abateu,
Queimou sem razão nem dó
— Ah, que dor!

Magoado e só,
— Só! — meu coração ardeu:
Ardeu em gritos dementes
Na sua paixão sombria...
E dessas horas ardentes
Ficou esta cinza fria.
— Esta pouca cinza fria.

Manuel Bandeira [1886 – 1968]



Grupo de Estudos em

ESCRITA
CRIATIVA

a) duas linhas mestras: a melancolia (o desencanto) e a **confissão** (subjetividade)

Desencanto

Eu faço versos como quem chora
De desalento... de desencanto...
Fecha o meu livro, se por agora
Não tens motivo nenhum de pranto.

Meu verso é sangue. Volúpia ardente...
Tristeza esparsa... remorso vão...
Dói-me nas veias. Amargo e quente,
Cai, gota a gota, do coração.

E nestes versos de angústia rouca
Assim dos lábios a vida corre,
Deixando um acre sabor na boca.

— Eu faço versos como quem morre.

Manuel Bandeira [1886 – 1968]



Grupo de Estudos em
E S C R I T A
C R I A T I V A

b) O amor, o erotismo e a efemeridade das paixões:

Chama e fumo

Amor — chama, e, depois, fumaça...
Medita no que vais fazer:
O fumo vem, a chama passa...

Gozo cruel, ventura escassa,
Dono do meu e do teu ser,
Amor — chama, e, depois, fumaça...

Tanto ele queima! e, por desgraça,
Queimado o que melhor houver,
O fumo vem, a chama passa...

Paixão puríssima ou devassa,
Triste ou feliz, pena ou prazer,
Amor — chama, e, depois, fumaça...

A cada par que a aurora enlaça,
Como é pungente o entardecer!
O fumo vem, a chama passa...

Antes, todo ele é gosto e graça.
Amor, fogueira linda a arder
Amor — chama, e, depois, fumaça...

Porquanto, mal se satisfaça,
(Como te poderei dizer?...)
O fumo vem, a chama passa...

A chama queima... O fumo embaça.
Tão triste que é! Mas... tem de ser...
Amor?... — chama, e, depois, fumaça:
O fumo vem, a chama passa...

Manuel Bandeira [1886 – 1968]



Grupo de Estudos em
E S C R I T A
C R I A T I V A

c) A ânsia pela modernidade: *Os sapos*

Enfunando os papos,
Saem da penumbra,
Aos pulos, os sapos.
A luz os deslumbra.

Vede como primo
Em comer os hiatos!
Que arte! E nunca rimo
Os termos cognatos!

Em ronco que aterra,
Berra o sapo-boi:
— “Meu pai foi à
guerra!”
— “Não foi!”—“Foi!”—
“Não foi!”.

O meu verso é bom
Frumento sem joio
Faço rimas com
Consoantes de apoio.

O sapo-tanoeiro,
Parnasiano aguado,
Diz: — “Meu cancionero
É bem martelado.

Manuel Bandeira [1886 – 1968]



Grupo de Estudos em
E S C R I T A
C R I A T I V A

c) A ânsia pela modernidade: *Os sapos*

Vai por cinquenta anos
Que lhes dei a norma:
Reduzi sem danos
A formas a forma.

Clame a saporaria
Em críticas cétricas:
Não há mais poesia,
Mas há artes poéticas . . .”

Urra o sapo-boi:
— “Meu pai foi rei” — “Foi!”
— “Não foi!” — “Foi!” — “Não foi!”

Brada em um assomo
O sapo-tanoeiro:
— “A grande arte é como
Lavor de joalheiro.

Ou bem de estatuário.
Tudo quanto é belo,
Tudo quanto é vário,
Canta no martelo.”

Outros, sapos-pipas
(Um mal em si cabe),
Falam pelas tripas:
— “Sei!” — “Não sabe!” — “Sabe!”.

Manuel Bandeira [1886 – 1968]



Grupo de Estudos em
E S C R I T A
C R I A T I V A

c) A ânsia pela modernidade: *Os sapos*

Longe dessa grita,
Lá onde mais densa
A noite infinita
Verte a sombra imensa;

Lá, fugindo ao mundo,
Sem glória, sem fé,
No perau profundo
E solitário, é

Que soluças tu,
Transido de frio,
Sapo-cururu
Da beira do rio.

Manuel Bandeira [1886 – 1968]



Grupo de Estudos em
E S C R I T A
C R I A T I V A

2º momento: a libertação — *Ritmo dissoluto* [1924] e *Libertinagem* [1930]

a) Manutenção das linhas mestras: melancolia e confissão

Madrigal melancólico

O que eu adoro em ti,
Não é a tua beleza.
A beleza, é em nós que ela existe.

A beleza é um conceito.
E a beleza é triste.
Não é triste em si,
Mas pelo que nela pode haver
de fragilidade e de incerteza.

O que eu adoro em ti,
Não é a tua inteligência.
Não é o teu espírito sutil,
Tão ágil, tão luminoso,
— Ave solta no céu matinal da montanha.
Nem é a tua ciência
Do coração dos homens e das coisas.

O que eu adoro em ti,
Não é a tua graça musical,
Sucessiva e renovada a cada momento,
Graça aérea como o teu próprio pensamento.
Graça que perturba e que satisfaz.

Manuel Bandeira [1886 – 1968]



Grupo de Estudos em

ESCRITA
CRIATIVA

2º momento: a libertação — *Ritmo dissoluto* [1924] e *Libertinagem* [1930]

O que eu adoro em ti,
Não é a mãe que já perdi.
Não é a irmã que já perdi.
E meu pai.

O que adoro em tua natureza,
Não é o profundo instinto maternal
Em teu flanco aberto como uma ferida.
Nem a tua pureza. Nem a tua impureza.
O que eu adoro em ti — lastima-me e consola-me!
O que eu adoro em ti, é a vida.

Manuel Bandeira [1886 – 1968]



Grupo de Estudos em
E S C R I T A
C R I A T I V A

b) caráter combativo: a irreverência, o deboche e a ironia — a luta pela liberdade artística.

Poética

Estou farto do lirismo comedido

Do lirismo bem comportado

Do lirismo funcionário público com livro de ponto expediente protocolo e

[manifestações de apreço ao sr. diretor

Estou farto do lirismo que para e vai averiguar no dicionário o cunho vernáculo

[de um vocábulo.

Abaixo os puristas

Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais

Todas as construções sobretudo as sintaxes de exceção

Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis

Estou farto do lirismo namorador

Político

Raquítico

Sifilítico

Manuel Bandeira [1886 – 1968]



b) caráter combativo: a irreverência, o deboche e a ironia — a luta pela liberdade artística.

De todo lirismo que capitula ao que quer que seja fora de si mesmo.

De resto não é lirismo

Será contabilidade tabela de cossenos secretário do amante exemplar com cem
[modelos de cartas e as diferentes maneiras de agradar às
[mulheres, etc.

Quero antes o lirismo dos loucos

O lirismo dos bêbados

O lirismo difícil e pungente dos bêbados

O lirismo dos clowns de Shakespeare

— Não quero mais saber do lirismo que não é libertação.

Manuel Bandeira [1886 – 1968]



c) **Consolidação do verso livre e branco:** vocabulário prosaico

Porquinho-da-Índia

Quando eu tinha seis anos
Ganhei um porquinho-da-índia.
Que dor de coração me dava
Porque o bichinho só queria estar debaixo do fogão!
Levava ele pra sala
Pra os lugares mais bonitos mais limpinhos
Ele não gostava:
Queria era estar debaixo do fogão.
Não fazia caso nenhum das minhas ternurinhas...

— O meu porquinho-da-índia foi a minha primeira namorada.

Manuel Bandeira [1886 – 1968]

d) Interiorização (pessoalização): o tom reflexivo e o romantismo tardio e a autoironia

Pneumotórax

Febre, hemoptise, dispneia e suores noturnos.
A vida inteira que podia ter sido e que não foi.
Tosse, tosse, tosse.

Mandou chamar o médico:

- Diga trinta e três.
- Trinta e três... trinta e três ... trinta e três...
- Respire.

.....

- O senhor tem uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito
[infiltrado.
- Então, doutor, não é possível tentar o pneumotórax?
- Não. A única coisa a fazer é tocar um tango argentino

Manuel Bandeira [1886 – 1968]



Grupo de Estudos em
E S C R I T A
C R I A T I V A

e) A poesia autobiográfica: a infância no Recife, a família, amigos, amores; a tuberculose; o Rio de Janeiro

Profundamente

Quando ontem adormeci
Na noite de São João
Havia alegria e rumor
Estrondos de bombas luzes de Bengala
Vozes, cantigas e risos
Ao pé das fogueiras acesas.

No meio da noite despertei
Não ouvi mais vozes nem risos
Apenas balões
Passavam, errantes

Silenciosamente
Apenas de vez em quando
O ruído de um bonde
Cortava o silêncio
Como um túnel.
Onde estavam os que há pouco
Dançavam
Cantavam
E riam
Ao pé das fogueiras acesas?

— Estavam todos dormindo
Estavam todos deitados
Dormindo
Profundamente.

Manuel Bandeira [1886 – 1968]



Grupo de Estudos em
E S C R I T A
C R I A T I V A

e) A poesia autobiográfica: a infância no Recife, a família, amigos, amores; a tuberculose; o Rio de Janeiro

Profundamente

Quando eu tinha seis anos
Não pude ver o fim da festa de São João
Porque adormeci

Hoje não ouço mais as vozes daquele tempo
Minha avó
Meu avô
Totônio Rodrigues
Tomásia
Rosa
Onde estão todos eles?

— Estão todos dormindo
Estão todos deitados
Dormindo
Profundamente.

Manuel Bandeira [1886 – 1968]



Grupo de Estudos em

ESCRITA
CRIATIVA

Evocação do Recife

Recife

Não a Veneza americana

Não a Mauritssatd dos armadores das Índias Ocidentais

Não o Recife dos Mascates

Nem mesmo o Recife que aprendi a amar depois —

Recife das revoluções libertárias

Mas o Recife sem história nem literatura

Recife sem mais nada

Recife da minha infância.

A rua da União onde eu brincava de chicote-queimado e partia as vidraças da casa de

[dona Aninha Viegas

Totônio Rodrigues era muito velho e botava o pincenê na ponta do nariz

Depois do jantar as famílias tomavam a calçada com cadeiras mexericos

[risadas

A gente brincava no meio da rua

Os meninos gritavam:

Coelho sai!

Não sai!

Manuel Bandeira [1886 – 1968]



Grupo de Estudos em
E S C R I T A
C R I A T I V A

Evocação do Recife

A distância as vozes macias das meninas politonavam:

Roseira dá-me uma rosa
Craveiro dá-me um botão
(Dessas rosas muita rosa
Terá morrido em botão...)

De repente

nos longes da noite

um sino

Uma pessoa grande dizia:

Fogo em Santo Antônio!

Outra contrariava: São José!

Totônio Rodrigues achava sempre que era São José.

Os homens punham o chapéu saíam fumando

E eu tinha raiva de ser menino porque não podia ir ver o fogo.

Rua da União...

Como eram lindos os montes das ruas da minha infância

Manuel Bandeira [1886 – 1968]



Grupo de Estudos em

ESCRITA
CRIATIVA

Evocação do Recife

Rua do Sol

(Tenho medo que hoje se chame de dr. Fulano de Tal)

Atrás de casa ficava a Rua da Saudade...

...onde se ia fumar escondido

Do lado de lá era o cais da Rua da Aurora...

...onde se ia pescar escondido

Capiberibe

— Capibaribe

Lá longe o sertãozinho de Caxangá

Banheiros de palha

Um dia eu vi uma moça nuinha no banho

Fiquei parado o coração batendo

Ela se riu

Foi o meu primeiro alumbramento

Cheia! As cheias! Barro boi morto árvores destroços redemoinho sumiu

E nos pegões da ponte do trem de ferro

os caboclos destemidos em jangadas de bananeiras

Manuel Bandeira [1886 – 1968]



Grupo de Estudos em

ESCRITA

CRIATIVA

Evocação do Recife

Novenas

Cavalhadas

Eu me deitei no colo da menina e ela começou a passar a mão nos meus cabelos

Capiberibe

— Capibaribe

Rua da União onde todas as tardes passava a preta das bananas com o xale vistoso de
[pano da Costa

E o vendedor de roletes de cana

O de amendoim

que se chamava midubim e não era torrado era cozido

Me lembro de todos os pregões:

Ovos frescos e baratos

Dez ovos por uma pataca

Foi há muito tempo...

Manuel Bandeira [1886 – 1968]



Grupo de Estudos em
E S C R I T A
C R I A T I V A

Evocação do Recife

A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros

Vinha da boca do povo na língua errada do povo

Língua certa do povo

Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil

Ao passo que nós

O que fazemos

É macaquear

A sintaxe lusíada

A vida com uma porção de coisas que eu não entendia bem

Terras que não sabia onde ficavam

Recife...

Rua da União...

A casa de meu avô...

Nunca pensei que ela acabasse!

Tudo lá parecia impregnado de eternidade

Recife...

Meu avô morto.

Recife morto, Recife bom, Recife brasileiro como a casa de meu avô.

Manuel Bandeira [1886 – 1968]



f) O cotidiano:

O cacto

Aquele cacto lembrava os gestos desesperados da estatuária:

Laocoonte estrangido pelas serpentes,

Ugolino e os filhos esfaimados.

Evocava também o seco Nordeste, carnaubais, caatingas...

Era enorme, mesmo para esta terra de feracidades excepcionais.

Um dia um tufão furibundo abateu-o pela raiz.

O cacto tombou atravessado na rua,

Quebrou os beirais do casario fronteiro,

Impediu o trânsito de bondes, automóveis, carroças,

Arrebentou os cabos elétricos e durante vinte e quatro horas privou

[a cidade de iluminação e energia:

— Era belo, áspero, intratável.

Manuel Bandeira [1886 – 1968]



Grupo de Estudos em
E S C R I T A
C R I A T I V A

g) A fantasia e a evasão do mundo:

Vou-me embora pra Pasárgada

Vou-me embora pra Pasárgada
Lá sou amigo do rei
Lá tenho a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada
Vou-me embora pra Pasárgada
Aqui eu não sou feliz
Lá a existência é uma aventura
De tal modo inconsequente
Que Joana a Louca de Espanha
Rainha e falsa demente
Vem a ser contraparente
Da nora que nunca tive

E como farei ginástica
Andarei de bicicleta
Montarei em burro brabo
Subirei no pau-de-sebo
Tomarei banhos de mar!
E quando estiver cansado
Deito na beira do rio
Mando chamar a mãe-d'água
Pra me contar as histórias
Que no tempo de eu menino
Rosa vinha me contar
Vou-me embora pra Pasárgada.

Manuel Bandeira [1886 – 1968]



Grupo de Estudos em

ESCRITA
CRIATIVA

f) A fantasia e a evasão do mundo:

Vou-me embora pra Pasárgada

Em Pasárgada tem tudo
É outra civilização
Tem um processo seguro
De impedir a concepção
Tem telefone automático
Tem alcaloide à vontade
Tem prostitutas bonitas
Para a gente namorar
E quando eu estiver mais triste
Mas triste de não ter jeito
Quando de noite me der
Vontade de me matar
— Lá sou amigo do rei —
Terei a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada.

Manuel Bandeira [1886 – 1968]



Grupo de Estudos em
**ESCRITA
CRIATIVA**



3º momento: *Estrela da Manhã* [1936]

a) Poesia do cotidiano (os temas prosaicos): objetos, jornal, o dia a dia, propagandas

Manuel Bandeira [1886 – 1968]



Grupo de Estudos em
E S C R I T A
C R I A T I V A

Balada das Três Mulheres do Sabonete Araxá

As três mulheres do sabonete Araxá me invocam, me bouleversam, me hipnotizam

Oh, as três mulheres do sabonete Araxá às 4 horas da tarde!

O meu reino pelas três mulheres do sabonete Araxá!

Que outros, não eu, a pedra cortem

Para brutal vos adorarem,

Ó brancaranas azedas,

Mulatas cor da lua vêm saindo cor de prata

Ou celestes africanas!

Que eu vivo, padeço e morro só pelas três mulheres do sabonete Araxá!

São amigas, são irmãs, são amantes as três mulheres do sabonete Araxá?

São prostitutas, são declamadoras, são acrobatas?

São as três Marias?

Meu Deus, serão as três Marias?

A mais nua é doirada borboleta.

Se a segunda casasse, eu ficava safado da vida, dava pra beber e nunca mais

[telefonava.

Mas se a terceira morresse... Oh, então nunca mais a minha vida outrora teria sido

[um festim!

Manuel Bandeira [1886 – 1968]



Grupo de Estudos em
E S C R I T A
C R I A T I V A

Balada das Três Mulheres do Sabonete Araxá

Se me perguntassem: Queres ser estrela? Queres ser rei? Queres uma ilha no

[Pacífico? Um bangalô em Copacabana?

Eu responderia: Não quero nada disso, tetrarca. Eu só quero as três mulheres do

[sabonete Araxá:

O meu reino pelas três mulheres do sabonete Araxá!

Manuel Bandeira [1886 – 1968]



b) Poesia reflexivo-filosófica (típica da geração de 30)

Momento num Café

Quando o enterro passou
Os homens que se achavam no café
Tiraram o chapéu maquinalmente
Saudavam o morto distraídos
Estavam todos voltados para a vida
Absortos na vida
Confiantes na vida.

Um no entanto se descobriu num gesto largo e demorado
Olhando o esquife longamente
Este sabia que a vida é uma agitação feroz e sem finalidade
Que a vida é traição
E saudava a matéria que passava
Liberta para sempre da alma extinta.

Manuel Bandeira [1886 – 1968]



Grupo de Estudos em
**ESCRITA
CRIATIVA**



4º momento: *Lira dos Cinquent'anos* [1944] / *Belo Cinquentão* [1948] / *Opus 10* [1952, artesanal, 21 poemas]

Manuel Bandeira [1886 – 1968]



Grupo de Estudos em
E S C R I T A
C R I A T I V A

a) **A morte, a confissão e a melancolia** (teor reflexivo)

A morte absoluta

Morrer.

Morrer de corpo e de alma.

Completamente.

Morrer sem deixar o triste despojo da carne,

A exangue máscara de cera,

Cercada de flores,

Que apodrecerão — felizes! — num dia,

Banhada de lágrimas

Nascidas menos da saudade do que do espanto da morte.

Morrer sem deixar porventura uma alma errante...

A caminho do céu?

Mas que céu pode satisfazer teu sonho de céu?

Manuel Bandeira [1886 – 1968]



Grupo de Estudos em
E S C R I T A
C R I A T I V A

a) **A morte, a confissão e a melancolia** (teor reflexivo)

Morrer sem deixar um sulco, um risco, uma sombra,
A lembrança de uma sombra
Em nenhum coração, em nenhum pensamento,
Em nenhuma epiderme.

Morrer tão completamente
Que um dia ao lerem o teu nome num papel
Perguntem: "Quem foi?..."

Morrer mais completamente ainda,
— Sem deixar sequer esse nome.

Manuel Bandeira [1886 – 1968]



Grupo de Estudos em
E S C R I T A
C R I A T I V A

b) A autobiografia

Testamento

O que não tenho e desejo
É que melhor me enriquece.
Tive uns dinheiros — perdi-os...
Tive amores — esqueci-os.
Mas no maior desespero
Rezei: ganhei essa prece.

Vi terras da minha terra.
Por outras terras andei.
Mas o que ficou marcado
No meu olhar fatigado,
Foram terras que inventei.

Gosto muito de crianças:
Não tive um filho de meu.
Um filho!... Não foi de jeito...
Mas trago dentro do peito
Meu filho que não nasceu.

Criou-me, desde eu menino,
Para arquiteto meu pai.
Foi-se-me um dia a saúde...
Fiz-me arquiteto? Não pude!
Sou poeta menor, perdoai!

Não faço versos de guerra.
Não faço porque não sei.
Mas num torpedo-suicida
Darei de bom grado a vida
Na luta em que não lutei!

Manuel Bandeira [1886 – 1968]



Grupo de Estudos em
E S C R I T A
C R I A T I V A

c) A poesia social: a ausência de referências ideológicas e o tema da degradação humana

O Bicho

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.

Quando encontrava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um homem.

Manuel Bandeira [1886 – 1968]



Grupo de Estudos em
E S C R I T A
C R I A T I V A

d) O lirismo amoroso e o tema da paixão “anônima”

Arte de Amar

Se queres sentir a felicidade de amar, esquece a tua alma.

A alma é que estraga o amor.

Só em Deus ela pode encontrar satisfação.

Não noutra alma.

Só em Deus — ou fora do mundo.

As almas são incomunicáveis.

Deixa o teu corpo entender-se com outro corpo.

Porque os corpos se entendem, mas as almas não.

Manuel Bandeira [1886 – 1968]



Grupo de Estudos em

ESCRITA
CRIATIVA

e) A afetação (o espírito de “vítima”, a humildade) e o **conformismo com a morte**

Consoada

Quando a Indesejada das gentes chegar

(Não sei se dura ou caroável),

Talvez eu tenha medo.

Talvez sorria, ou diga:

— Alô, iniludível!

O meu dia foi bom, pode a noite descer.

(A noite com seus sortilégios.)

Encontrará lavrado o campo, a casa limpa,

A mesa posta,

Com cada coisa em seu lugar.

Manuel Bandeira [1886 – 1968]



Grupo de Estudos em
E S C R I T A
C R I A T I V A



5º momento: *Estrela da tarde*
[1963], o livro pôr-do-sol

Manuel Bandeira [1886 – 1968]



Grupo de Estudos em
E S C R I T A
C R I A T I V A

a) A autorreferência (do homem e do escritor)

Antologia

A vida não vale a pena e a dor de ser vivida.

Os corpos se entendem mas as almas não.

A única coisa a fazer é tocar um tango argentino.

Vou-me embora pra Pasárgada!

Aqui não sou feliz.

Quero esquecer tudo:

— A dor de ser homem...

Este anseio infinito e vão

De possuir o que me possui.

Quero descansar

Humildemente pensando na vida e nas mulheres que amei...

Na vida inteira que podia ter sido e que não foi.

Manuel Bandeira [1886 – 1968]



Grupo de Estudos em
E S C R I T A
C R I A T I V A

a) A autorreferência (do homem e do escritor)

Antologia

Quero descansar.

Morrer.

Morrer de corpo e alma.

Completamente.

(Todas as manhãs o aeroporto em frente me dá lições de partir)

Quando a Indesejada das gentes chegar

Encontrará lavrado o campo, a casa limpa,

A mesa posta,

Com cada coisa em seu lugar.

Manuel Bandeira [1886 – 1968]



Grupo de Estudos em
E S C R I T A
C R I A T I V A

a) A autorreferência (do homem e do escritor)

Autorretrato

Provinciano que nunca soube
Escolher bem uma gravata;
Pernambucano a quem repugna
A faca do pernambucano;
Poeta ruim que na arte da prosa
Envelheceu na infância da arte,
E até mesmo escrevendo crônicas
Ficou cronista de província;
Arquiteto falhado, músico
Falhado (engoliu um dia
Um piano, mas o teclado
Ficou de fora); sem família,
Religião ou filosofia;
Mal tendo a inquietação de espírito
Que vem do sobrenatural,
E em matéria de profissão
Um tísico profissional.

Manuel Bandeira [1886 – 1968]



Grupo de Estudos em

ESCRITA

CRIATIVA

b) Homenagens a amigos, cidades

c) Os poemas traduzidos

d) A experiências concretistas

A onda

a onda anda

aonde anda

a onda?

a onda ainda

ainda onda

ainda anda

aonde?

aonde?

a onda a onda

Manuel Bandeira [1886 – 1968]



e) A reflexão acerca da morte (a despedida)

Preparação para a morte

A vida é um milagre.

Cada flor,

com sua forma, sua cor, seu aroma,

cada flor é um milagre.

Cada pássaro,

com sua plumagem, seu voo, seu canto,

cada pássaro é um milagre.

O espaço, infinito,

o espaço é um milagre.

O tempo, infinito,

o tempo é um milagre.

A memória é um milagre.

A consciência é um milagre.

Tudo é milagre.

Tudo, menos a morte.

— Bendita morte que é o fim de todos os milagres.

Manuel Bandeira [1886 – 1968]



Referências

ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. *Humildade, paixão e morte: a poesia de Manuel Bandeira*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.

BRITO, Mário da Silva. *Poesia do Modernismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

MERQUIOR, José Guilherme. *A razão do poema: ensaios de crítica e estética*. São Paulo: Realizações, 2013.